



SOLUÇÃO OU ARMADILHA?

Durante muitos anos, o Semiárido foi apresentado e tratado como inviável e um entrave ao crescimento econômico e social do País. Uma região onde as pessoas não sobreviveriam sem ajuda externa e eram consideradas incapazes de assumir seus destinos.

Essa ideia, construção simbólica, não foi despreziosa, nem pode ser associada à natureza ou às pessoas que vivem no Semiárido. O que se sedimentou é uma construção política, atribuindo todas as dificuldades a Deus ou à natureza. Esse pensamento sempre teve um objetivo claro: beneficiar poucos e manter o poder de dominação da elite, gerando subalternidade.

Associada à falta de água, a solução apontada pela política de combate à seca foi sempre de cunho milagroso: um grande açude, uma grande barragem, a transposição do rio São Francisco, uma grande adutora. Na história recente, no plano dos governos federais, tivemos:

- 1972** PLANOS DE AÇÃO PARA EMERGÊNCIA CONTRA AS CALAMIDADES PÚBLICAS DE SECAS E DE ENCHENTES (Ministério do Interior/Sudene)
- 1979** PLANOS DE AÇÃO PARA EMERGÊNCIA CONTRA AS CALAMIDADES PÚBLICAS (Ministério do Interior/Sudene)
- 1979-83** AÇÃO DO GOVERNO FEDERAL NO COMBATE AS SECAS DO NORDETE (Ministério do Interior/Sudene)

Essas ações ficaram nacionalmente conhecidas como as responsáveis pela famigerada Indústria da Seca.

Numa outra perspectiva, nessa mesma região, a partir do envolvimento das famílias em torno de tecnologias simples, baratas e de grande impacto, **gestadas a partir dos conhecimentos e das práticas das comunidades**, foram sendo construídas cisternas de placas. De algumas dezenas, passaram para centenas e hoje são cerca de 500 mil reservatórios. Uma revolução silenciosa, resultado de uma ação conjunta da sociedade civil organizada, dos governos federal, estaduais e municipais e de vários outros parceiros, inclusive bancos e empresas.

Assim, gradativamente foi crescendo a perspectiva da política de convivência com o Semiárido.

Hoje, o Brasil, a partir da efetivação do Programa Água para Todos, no contexto do Plano Brasil Sem Miséria, pode finalmente comemorar a decisão governamental de universalizar as cisternas, pôr fim à Indústria da Seca e garantir água de qualidade a todas as famílias rurais do Semiárido. Decisão que veio para valer e **demonstra o compromisso do governo da presidenta Dilma Rousseff.**

Parece-nos, no entanto, estranho e inaceitável que, neste contexto, as cisternas de plástico/PVC surjam como alternativa para o semiárido, uma vez que excluem a população local,

não permitindo a sua participação no processo de replicação da técnica, criando dependência das empresas.

Efetivamente, o sucesso da ação da ASA através do Programa Um Milhão de Cisternas está na participação das famílias como protagonistas de sua história. No fazer e ser parte do processo.

Nesse contexto, nós, famílias agricultoras e organizações que fazemos a ASA, não nos consideramos as donas da tecnologia, e nem as únicas envolvidas neste processo. No entanto, nos sentimos no dever e no direito de alertar o governo e a sociedade brasileira sobre os efeitos negativos das cisternas de plástico/PVC.

Por fim, queremos ser ouvidas, participarmos e sermos corresponsáveis pela construção e gestão da política de convivência com o Semiárido.

Indicadores	Cisternas de placas	Cisternas de PVC
Cidadania	Água como direito e não benefício. Água como segurança alimentar.	Pessoas beneficiadas que dominam apenas parte do processo.
Construção	Construídas pelos agricultores/as pedreiros/as junto com as famílias.	Entregues prontas às famílias pelas empresas.
Domínio da técnica de construção/Autonomia	Famílias dominam todo processo, participam, constroem e multiplicam para outras famílias.	Domínio das empresas.
Fortalecimento do mercado local	A cada dez mil cisternas construídas, são injetados mais de R\$ 20 milhões de reais no mercado local (materiais de construção, serviços e impostos) que geram mais dinamismo social e econômico.	Todo recurso será repassado às mãos de poucos empresário de fora, não sendo investidos na região.
Custo	Custo final da cisterna de placa: R\$ 2.080,00 (incluindo material, construção, formação e acompanhamento técnico).	Superior às cisternas de placa, podendo o custo final chegar a mais que o dobro.
Impacto na saúde das famílias	Pesquisas indicam que as cisternas de placas diminuem a incidência de doenças relacionadas à água - USP/FEBRABAN (2007), Fiocruz (2010).	Não existem pesquisas.
Acesso à política	Através das comissões municipais presentes em todos os municípios e a partir de critérios pré-estabelecidos pelo programa. As famílias participam ativamente de todo o processo.	Processo ainda não explicitado.
Geração de renda	Pedreiros, técnicos, facilitadores, capacitadores, equipes locais, casas de construção, hotéis, restaurantes, pequenos comércios, etc.	Renda concentrada nas mãos de poucos empresários.
Formação para gestão da água	Todas as famílias são capacitadas em Cursos de Gerenciamento de Recursos Hídricos e convivência com o Semiárido.	Processo ainda não explicitado.
Autonomia da população	As pessoas são donas da tecnologia.	Dependência das empresas.

